

FORMAÇÃO DO PROFESSOR-PESQUISADOR EM LÍNGUA ESTRANGEIRA
Entrevista de Marco Antonio Margarido Costa a Juli Karine¹, Shenna Derek², Denise Lino
de Araújo³ e Isabelle Guedes da Silva Sousa⁴

TEACHER-RESEARCHER'S TRAINING IN FOREIGN LANGUAGE
Julia Karine, Sheena Derek, Denise Lino de Araújo and Isabelle Guedes da Silva Sousa
interview Marco Antonio Margarido Costa

A formação do professor-pesquisador, ou seja, a formação do profissional reflexivo, cuja atividade profissional alia-se à pesquisa é ainda um desafio a ser realizado de uma forma completa, inclusive no âmbito educacional em Língua Estrangeira. Ensinar uma segunda língua, não é uma tarefa fácil, não envolve apenas técnicas. Ensinar a LE é, antes de tudo, tornar os saberes ensináveis e passíveis de avaliação. O professor não é apenas um agente transmissor, mas também alguém que compreende o próprio processo de construção e produção do conhecimento, um agente que investiga. Diante dessa realidade, o professor Marco Antônio Margarido Costa, pós-doutor pela Faculdade de Filosofia, Letras e ciências humanas da Universidade de São Paulo, atuando na Graduação e Pós-Graduação da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, afirma que é importante que os professores de Língua Estrangeira precisem pensar em práticas pedagógicas em diferentes possibilidades de uso da Língua-alvo para os aprendizes. Para ele, o docente deve mostrar que por meio da Linguagem, podemos conhecer como determinadas culturas organizam o pensamento.

EntreLetras: Quais são os principais desafios que os docentes em Língua Estrangeira enfrentam no século XXI?

Marco Antônio Margarido Costa: Para mim, o grande desafio para os docentes em LE é compreender que sua função principal não é ensinar as estruturas linguísticas de uma LE. Quando houver a compreensão por parte do professor de LE de que ele pode também mostrar aos alunos diferentes formas de organização do pensamento na LE ensinada, sua prática docente terá uma nova configuração.

¹ Graduanda em letras- Inglês pela UFCG. juli.karine@hotmail.com

² Graduanda em Letras- Inglês pela UFCG. shenna_dmm@hotmail.com

³ Denise Lino de Araújo é Linguista Aplicada, com pós-doutorado em Educação pela FAE/UFMG; atua numa vertente "mestiça e indisciplinar" nas pesquisas sobre ensino de língua materna e formação de professores. É professora do Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). deniselinoaraujo@gmail.com

⁴ Isabelle Guedes da Silva Sousa é mestranda bolsista no Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e investiga documentos parametrizadores e ensino de língua materna. isaguedessilva@gmail.com

Quais são os modelos de formação docente mais encontrados dentro das universidades do país?

Não posso responder por um universo tão vasto assim. Contudo, considerando minhas pesquisas e leituras, posso afirmar que a noção de uma formação modelar ainda predomina nos cursos de licenciatura.

Em sua opinião, quais os fatores que normalmente contribuem para o sucesso ou o fracasso do trabalho docente no meio escolar?

Por muito tempo, o professor foi o único culpado pelo fracasso dos alunos ou o único responsável pelo sucesso. Sabemos que não é bem assim. Vários fatores podem interferir no trabalho docente. No contexto contemporâneo, eu diria que o sucesso está muito vinculado à criação de parcerias não apenas no universo escolar. O envolvimento da família, da comunidade, de diferentes setores da sociedade, de forma geral, com a escola pode contribuir com o trabalho educacional.

Em sua opinião, por que as escolas no Brasil não priorizam como deveriam o ensino de uma segunda língua, principalmente a rede pública?

Para tentar responder a essa questão, poderíamos tentar descobrir quem se beneficia com o fracasso do ensino de LE na escola pública. Tendo em vista o aumento das escolas privadas de idiomas, essa resposta não fica tão difícil de ser encontrada, não é mesmo?

Qual a sua opinião sobre o currículo proposto para a formação acadêmica do professor em Língua Estrangeira na UFCG?

Creio que há um equilíbrio necessário entre as disciplinas que abordam a língua-alvo na perspectiva do usuário, do especialista e do docente. Entretanto, cada curso está começando a observar que algumas adaptações já são necessárias (pré-requisito de algumas disciplinas, por exemplo) – mas isso é esperado de um currículo que busca ser dinâmico.

Considerando o projeto político pedagógico do curso de Letras Inglês na UFCG, qual a competência que o professor deve adquirir para ao final do curso atender as expectativas desse projeto?

Creio que o mundo contemporâneo exige inúmeras competências do professor. Penso que uma das mais importantes e necessárias envolve a preparação para aceitar e incorporar as incertezas e as contingências no processo de ensino-aprendizagem.

Júlio Diniz, citando Lüdke (1994) afirma que “O estágio quando mal orientado, é considerado apenas como uma exigência acadêmica necessária para a aquisição do diploma”. Nesse sentido, qual seria a forma mais eficiente de estágio para a formação dos professores de Língua Estrangeira?

Creio que o estagiário deva ser orientado a pesquisar e a questionar sua prática pedagógica o tempo todo. Ele precisa também ser incentivado a refletir sobre as leituras realizadas durante o curso e buscar compreender como elas podem (ou não) responder aos questionamentos levantados durante o estágio. Caso não encontre respostas nos estudos já realizados, ele precisa ser orientado a (como) encontrar novas reflexões que auxiliem na compreensão de um determinado fenômeno observado na sala de aula.

De modo geral, o ensino de Língua Estrangeira pode seguir uma tendência tradicional forçada em um ensino de gramática normativa, descrição da língua e memorização de conceitos. O que o professor pode fazer para mudar essa situação no ensino de Língua Estrangeira?

Para não se ter um ensino voltado apenas para o conhecimento de estruturas linguísticas, é preciso se pensar em práticas pedagógicas que mostrem diferentes possibilidades de uso da língua-alvo para os aprendizes. É necessário mostrar que, por meio da linguagem, podemos conhecer como determinadas culturas organizam o pensamento, constroem conceitos, criam e transformam sentidos diversos.

Segundo Perrenoud, é importante haver uma articulação entre teoria e prática na formação e no ensino do docente. Porém, nem sempre há essa articulação nos cursos de licenciatura e na sala de aula. Diante desse fato, quais os desafios que o docente enfrentará para que esta articulação seja feita?

Penso que seja necessário entender que essa dicotomia (teoria/prática) é uma noção construída, que tem suas raízes em pressupostos positivistas. Precisamos entender que teoria e prática acontecem de forma simultânea. Essa é uma divisão que privilegia pesquisadores e coloca professores envolvidos unicamente no processo de ensino-aprendizagem em uma situação academicamente inferior.

Se você pudesse resumir em uma palavra, como é o aluno de Língua Estrangeira de um modo geral em todo o país, qual seria? E o professor?

Assim como a resposta da segunda questão, nessa, vejo que é temerário definir o aluno e o professor de LE em todo o país. Não tenho dados que possam fundamentar tal tipo de resposta. No entanto, com base em minhas pesquisas anteriores (relacionadas à língua inglesa, especificamente), entendo que o aluno de LE ainda se vê como um sujeito marcado por uma “ausência” de “domínio” dessa língua – ausência esta que parece se completar apenas com uma experiência em um país onde o inglês seja falado como primeira língua. Quanto ao professor, não vejo que essa “ausência” seja tão diferente – infelizmente.